LUÍS G. SOTO[1]

O LABIRINTO DA SAUDADE DESDE FORA E DEPOIS

***O labirinto da saudade* from outside and after**

Abstract

In this text, my aim is to analyse and interpret *O labirinto da saudade* from the perspective of the years since 1982, and with a distant gaze from outside Portugal. In my reading, I emphasise the main thread and essential aspects of Eduardo Lourenço's critical reflection on the mentality of the Portuguese when thinking about their country in history and up until the last decades of the 20th century. The central theme is the revision of the image of Portugal, the conceptions provided by literature, dominant in political culture, used by the elites and shared by the people. Lourenço points to four key formulations, from Camões, Eça, Pascoaes and Pessoa, which later in their political and cultural use, in the thinking of the elites and in the popular imagination, are characterised by hyperbole and unrealism. Hence the difficulties, distortions, and inability to understand history and the present, diagnose problems, promote solutions, and develop effective and constructive courses of action. Lourenço makes these reflections on Portugal within the

[1] Universidade de Santiago de Compostela. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2607-3390. Este trabalho insere-se no contexto do Projeto de Investigação: «La práctica ambiental y la ética de la consideración de los animales salvajes en el contexto de la crisis climática: un enfoque largoplacista (EALONG) / Environmental practice and wild animal ethics in the context of the climate crisis: a longtermist approach (EALONG)» (PID2022-142980NB-I00) do Ministerio de Ciencia e Innovación de Espanha.

framework of a general analysis and critique of contemporary Western culture, as I have also highlighted in my reading, emphasising their relevance and topicality.
Keywords: Portugal, ideology, culture, politics, Eduardo Lourenço.

Resumo
O nosso propósito é analisar e interpretar *O labirinto da saudade* com a perspetiva dos anos, desde 1982, e com um olhar forâneo, desde fora de Portugal. Pela nossa parte, ressaltamos o fio condutor e aspetos essenciais da reflexão, e crítica, que Eduardo Lourenço realiza da mentalidade dos portugueses ao pensar o seu país na história e até as últimas décadas do século XX. O tema central é a revisão da imagem de Portugal, as conceções fornecidas pela literatura, dominantes na cultura política, usadas pelas elites e partilhadas pelo povo. Lourenço assinala quatro formulações matriciais, provenientes de Camões, Eça, Pascoaes e Pessoa, que depois no seu uso político e cultural, no pensamento das elites e o imaginário popular, se caraterizarão pela hipérbole e o irrealismo. De aí, dificuldades, distorções e incapacidades para perceber a história e o presente, diagnosticar os problemas, promover soluções e desenvolver cursos de ações eficazes e construtores. Lourenço faz estas reflexões, sobre Portugal, no quadro de uma análise e crítica gerais da cultura ocidental contemporânea, como também ressaltamos na nossa leitura, salientando a sua pertinência e atualidade.
Palavras-chave: Portugal, ideologia, cultura, política, Eduardo Lourenço.

Introdução: desde fora e depois

A nossa primeira leitura de *O Labirinto da Saudade*[2] deveu ser em finais da década de 80 ou começos da de 90 do século XX. De facto, tenho a segunda edição de 1982, em fotocópia, porque naquela altura o livro, esgotado, era impossível de conseguir. Agora, vou relê-lo uns 30 anos depois. Quando fiz a primeira leitura, queria saber de Portugal, mas também, como efeito indireto, aprender de nós mesmos, os galegos. A minha leitura foi desde fora, pois, mas não desde longe.

Agora, 30 anos depois, conto, no meu haver, com outras leituras sobre Portugal e da literatura portuguesa, nomeadamente alguma da mais citada por Lourenço. Das reflexões filosóficas, ou filosófico-sociais, sobre Portugal, saliento a de José Gil, *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*[3], e a de Boaventura de Sousa Santos, *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*[4]. Algo direi depois sobre estas duas obras, que nalguns

[2] E. Lourenço, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1982, 2ª edição.

[3] J. Gil, *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*, Relógio d'Água, Lisboa 2005, 2ª edição.

[4] B. de Sousa Santos, *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*, Almedina, Coimbra 2012, 2ª edição.

aspetos acho próximas do *Labirinto da Saudade*.

Por outra parte, há 30 anos, de cultura portuguesa, pouco mais lera eu do que Pessoa: depois, sobretudo por prazer e lazer, fui lendo Camões, Eça, Pascoaes… que se contam entre as referências preferidas de Lourenço nos ensaios que nutrem o seu texto, que leva como subtítulo «Psicanálise Mítica do Destino Português».

1. O labirinto: âmago e perspetiva

Este subtítulo, «Psicanálise Mítica do Destino Português», esclarece, mas por outro lado engana acerca do teor do livro, pois precisa e confunde acerca do sentido do título. Este, *O Labirinto da Saudade*, de entrada enigmático, resulta esclarecido pelo subtítulo. Numa primeira vista de olhos, sem lermos o livro, cabe pensar que este versará acerca da saudade, cuja temática (natureza, formas, teorizações, movimentações, etc.), qualificada de labirinto, o autor vai tentar desentranhar ou, pelo menos, cartografar ou, como mínimo, percorrer[5]. Ora, o subtítulo, a referência ao «destino português», dissipa essa impressão. Como depois confirma a leitura, o labirinto da saudade é, sem mais, Portugal. Que é identificado metonimicamente por um traço próprio dele, a saudade. E esta, a saudade polimorfa e multiuso, remete metaforicamente para uma identidade (e uma entidade) labiríntica.

No entanto, com essa adição, «psicanálise mítica do destino português», o título pode parecer irónico, … à vista do labor, diríamos hoje, de desconstrução psicanalítica que se avizinha, segundo parece anunciar esse subtítulo. Porém, no texto não há psicanálise[6]: esta expressão é empregue como «análise da alma ou a mentalidade». De tal maneira que o subtítulo completo vem a dizer: análise da alma (i.e., das mentalidades) e os mitos relacionados com o destino de Portugal, isto é, da coletividade portuguesa. Em consequência, o título «o Labirinto da Saudade», como se comprova lendo o livro, tem algo de irónico, mas não muito: é a proposta de uma incógnita e um estímulo para a sua resolução. Em nosso ver, Lourenço, nos seus ensaios, pratica a ironia, mas esta é crítica e construção. Nada a ver com a impugnação e a demolição, exceto com ânimo crítico e construtivo.

De facto, Lourenço carateriza a sua atitude como a perspetiva de um «ausente»[7]. O qual indica por uma parte a sua exterioridade com relação a Portugal, e a temática tratada. Porém, a sua ausência inclui o retorno ao cenário português, ao labirinto da saudade, pelo menos, como personagem público, exatamente como ensaísta. E, como

[5] Por este motivo, em homenagem consciente e expressa a Eduardo Lourenço, titulei assim o meu livro sobre a saudade: L. G. Soto, *O labirinto da saudade*, Laiovento, Santiago de Compostela 2012, p. 13.

[6] Ou muito pouca, apenas, e sobretudo, como indicação de pesquisas que se poderiam realizar. Por exemplo, «Portugal, uma mina para Freud…» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 144-146).

[7] Lourenço (*O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 16-17) diferencia a sua perspetiva da diáspora, a emigração e o exílio. Em nosso ver, o «ausente» não deixa de referir, ou pelo menos ecoar, as três.

tal, exerce não apenas como analista, com objetividade e imparcialidade, mas também como intérprete, somando a essas qualidades a implicação e a responsabilidade. Como «ausente» coloca-se fora, mas também assume uma presença, antes e depois dessa ausência, que acrescenta ao olhar de fora, objetivo e imparcial, a implicação e responsabilidade de estar dentro.

2. A imagem de Portugal: hipérbole e irrealismo

Como explica Lourenço[8], no texto preliminar, o assunto medular de *O Labirinto da Saudade* é a imagem de Portugal. O tema protagoniza, de uma forma ou outra, os vários ensaios que compõem o livro. Desde diversos ângulos e com diversas perspetivas, Lourenço realiza uma indagação crítica, e por vezes irónica, em torno a significadas representações de Portugal, histórico-sociológicas, lavradas mormente no âmbito da literatura.

Falamos, como o autor, em imagens, mas sob este nome achamos conceções que não são apenas conceituais, senão que abrangem elementos discursivos, narrativos e iconográficos. Jogando com a linguagem, vale dizer que se trata de conceições, pois alumbram ou dão lugar a discursos, narrativas e imaginários, mesmo iconografias. São como discursos, nos quais se espera que, numa dada altura, os ouvintes se tornem em participantes, que, por sua vez, retomem e transmitam, não apenas as mensagens, mas também a palavra. E o mesmo acontece com as narrativas: os ouvintes deverão converter-se em narradores e, a seguir, entregar as narrativas e a narração. E com, e como, os discursos e as narrativas vão também os imaginários e as iconografias.

Seguindo Lourenço[9], salientamos quatro imagens, devidas às obras de Camões, Eça de Queiroz, Pascoaes e Pessoa. Estas quatro imagens, próprias da consciência letrada, não são alheias à compreensão popular. Marcam como uma linha do real e, as quatro, estão abaladas por uma dupla formulação hiperbólica, ora em positivo ora em negativo. Infelizmente, como não deixa de sublinhar Lourenço, essas duas hipérboles, apesar de fantasiosas, são as constitutivas, mormente, da consciência (e vontade) histórica e social de Portugal. Quer dizer, são as imagens preferidas e escolhidas, tanto pelas elites, sobretudo as classes dirigentes, quanto pelo povo, incluídas as camadas populares, para pensar Portugal: quer dizer, para se fazerem uma ideia de si próprios e para atuar em consequência. O qual, como também sublinha Lourenço, tem como consequência que a ação social, tanto a direção política quanto o obrar popular, levam à inoperância, no que diz respeito a enfrentar e resolver as questões que, no devir histórico e no ser social, verdadeiramente afetam, e mormente prejudicam e travam, a vida de Portugal. Inoperância, e mesmo inatividade, a gozar

[8] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 13-16.
[9] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 85-126.

e/ou a sofrer fantasias euforizantes ou deprimentes, e fatalismo frente ao real.

Lourenço[10] centra, e sintetiza, a sua crítica das imagens e contraimagens de Portugal no seu «irrealismo». Este consiste numa dupla ignorância, negativa e positiva: desconhecimento mais recusa do real e do saber acerca do real. Exatamente, o denegado é a fragilidade e a subalternidade de Portugal, a fraqueza e a dependência que, dalguma maneira e nalguma medida, limita, endógena e externamente, o controle do seu próprio destino. Este desamparo foi, outrora, compensado e até superado por uma visão da história em termos providencialistas e, mais recentemente, místicos e/ou esotéricos[11]. E, complementarmente, por uma ficção (delírios) de grandeza, manifestos ainda à inversa nas contraimagens redutoras, forçosas e forçadas mesmo[12]. Assim, diz brilhantemente Lourenço[13], o «Portugal menino Jesus das nações», por exemplo, após o 25 de abril, o Portugal revolucionário que dá lições de democracia e descolonização à sociedade ocidental, onde chegou por força e tarde. Mais recentemente, dizemos nós, caberia falar do «bom aluno» da União Europeia[14].

Pela nossa parte, vamos pegar nas imagens literárias, mas Lourenço[15], ainda que as ressalta, não se limita a este imaginário cultural. De facto, presta muita atenção à história, não apenas à historiografia, e à atualidade social, à vista dos dados fornecidos pelas ciências e a informação pública. Neste sentido, são muito interessantes as suas observações e a sua reflexão acerca da transformação da imagem de Portugal, com foco e centro no povo, do Estado Novo à Revolução de Abril. Segundo aponta Lourenço[16], ambas as imagens, a elaborada por Salazar e a propagada pelos revolucionários, nas quais o povo é fulcral, coincidem no fundo, ou em última instância, em que fazem do povo um sujeito passivo. Nas nossas palavras, esse sujeito passivo, no Estado Novo aparece como uma «bela adormecida», que a Revolução de Abril converte num «motor imóvel». Ambas as imagens, para cada perspetiva (direita/esquerda) a outra, são sobrestimadas e subestimadas, causando alternativamente encarecimento e denigração, mas sendo o resultado semelhante: miragem e quietude. Em suma, irrealismo, na perceção e na atuação.

[10] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 19s, p. 69s, …

[11] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 21.

[12] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 22.

[13] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 39.

[14] Mas, pela nossa parte, também o contrário: L. G. Soto, «Democracia, y filosofía, como apoderamiento. Portugal, por ejemplo», in Antonio Campillo y Delia Manzanero (coords.), *Actas II Congreso internacional de la Red española de Filosofía*, Universidad de Zaragoza 2017, vol. V, pp. 9-22.

[15] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 25-68.

[16] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 59-64.

3. Quatro imagens: Camões, Eça, Pascoaes, Pessoa

Porém, Lourenço[17], sem deixar de apontar as derivas hiperbólicas, vai explorar as imagens matriciais, a partir da inicial e germinal, desenvolvida por Camões, sobretudo em *Os Lusíadas*. Dois seriam os vetores: a nação e o império. Ou dito com maior precisão: o nascimento da nação e a expansão pelas Descobertas. Nestes dois pontos é pertinente, em nosso ver, a comparação com a Espanha, que é, junto com a Europa, uma referência de confronto e medida com Portugal.

Quanto à nação, não estamos a pensar, como lembra Lourenço[18], que Portugal é uma nação unitária e que Espanha é, como também afirma lembrando Ortega y Gasset, uma nação invertebrada. O que pretendemos apontar, como diferença, é que Portugal é uma nação com data (e lugar) de nascimento, e com uma identidade definida contra um outro, exatamente, Castela. E aí, não sem alguma cautela, caberia quiçá acrescentar: Castela e, posteriormente, Espanha. Frente a isto, Espanha não tem data, nem lugar, de nascimento, nem uma identidade bem definida, nem internamente nem para fora, ainda que na sua história tenha havido também outros, grandes e pequenos. Não ter data nem lugar de nascimento significa não haver uma origem à qual retornar, não ter um espelho em que se contemplar. Por suposto, a intelectualidade espanhola, nomeadamente no final do século XIX e no começo do XX, com a perda de Cuba e Filipinas em 1898, tem-se debruçado sobre o problema de Espanha: o que é? Para onde ir? Donde viemos? Porém, trata-se de debates muito abertos, com respostas não pacíficas, conflituais e mutantes, que visam muito mais o presente e o futuro do que o passado.

A segunda diferença, entre Portugal e a Espanha, diz respeito à colonização[19]. Esta, para a Espanha, tem data e lugar de nascimento, mas, o que agora importa ressaltar é que é um processo que, com a independência das chamadas colónias, mudou, mas não acabou. O que concluiu foi o império, mas mudando também o imperialismo noutro tipo de relação. Como outrora, atualmente os países chamados hispano-americanos fazem parte, eminente, da economia, a política e a cultura espanholas. Podemos denominar este processo, e estas relações de interação, que antes sob o império foram mestiçagem, como descolonização. Mas também globalização: uma globalização que, via exploração, colonialismo, mestiçagem e emigração (nas duas direções), vem de muito atrás.

Regressando, com Lourenço, a Portugal, a imagem devida a Camões teria duas componentes: a nação e o império. Exatamente: o nascimento, formação e constituição da nação, como sujeito político soberano, e as descobertas e expansão

[17] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 87-88.

[18] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 13.

[19] Na esteira de Oliveira Martins, aristocrática (Portugal) vs plebeia (Espanha): Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 42.

marítimas, que alargam os limites da nação, como potência colonizadora e imperial. E daí procedem também dois integrantes nucleares das imagens hiperbólicas de Portugal: o nacionalismo e o imperialismo.

Por uma parte, o nacionalismo, entendido como hipertrofia da nação como sujeito político. A nação brinda um magnífico retrato (literário, histórico, etc.) que estimula, mas também encobre, quando não consegue projetar-se ou converter-se em povo, i.e., num sujeito interclassista, atuante no político e operante no social, em ambos os planos com papel protagonista[20]. Isto reveste especial gravidade a partir do século XIX. Porém, em todo o caso, o desajuste entre a imagem e a realidade leva ao efeito contrário: a hipérbole positiva, um complexo de superioridade, conduz a um complexo de inferioridade, uma hipérbole negativa. Outra imagem, esta negativa e deprimente, também falsa e maléfica, nos seus efeitos, como a hipérbole euforizante.

Por outra parte, como assinala Lourenço[21], Portugal é pioneiro na mundialização do capitalismo europeu, nomeadamente, na expansão territorial do domínio económico da burguesia europeia. É, neste sentido, a justo título uma potência colonizadora e imperial. Mas, pela minha parte, entenderia a palavra potência em termos de Aristóteles: uma potência, que não chega a ser *in actu*. Em palavras de Lourenço[22], tratar-se-ia de um imperialismo sem império e, semelhantemente, de um império sem imperialismo. Em consequência, a noção de império, e de colonização, presta-se à hipérbole e a hipertrofia: porque nomeiam tarefas não cumpridas (ou só de modo incompleto) e pendentes de realizar. Como a nação, esta imagem, o Império, estimula e encobre, e do sentimento de superioridade leva ao de inferioridade. E das duas maneiras, pode resultar paralisante, para a ação política e a obra social coletivas.

No século XIX, a Geração de 70 combaterá as imagens hiperbólicas de Portugal e desenvolverá uma consciência crítica da realidade política, social e cultural portuguesa. De entre os seus membros, por conhecermos a sua obra, salientamos Eça de Queiroz. Sob a sua pena, na sua representação literária da vida portuguesa, a nação e o império ficam reduzidos à província, com o que significa de atraso, fragilidade, subalternidade e mesmo dependência no económico, o político, o social e o cultural[23]. Da riqueza hiperbólica passa-se, cai-se, à pobreza consubstancial. O outro com o qual, para medir a realidade portuguesa, se estabelece a comparação é, sob o nome de Civilização, a Europa burguesa, economicamente desenvolvida, politicamente avançada, socialmente culta, … nomeadamente, sobretudo, a França e ainda o Reino Unido[24]. Em suma, aqueles países onde triunfa e campeia, não sem sacudidas, o capitalismo industrial, a governação liberal, a tolerância cívica, a

[20] Cf. O povo segundo Michelet (R. Barthes, *Œuvres complètes*, édition d'Éric Marty, Seuil, Paris 2002, vol. I, pp. 416-419).

[21] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 133.

[22] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 45.

[23] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 97.

[24] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 102.

cultura mercantilizada. Anotemos, de passagem, países, a França e o Reino Unido, caracterizados pela sua condição nacionalista e um imperialismo então incipiente. A Espanha, para a Geração de 70, não ocupa esse lugar de grande outro. Porém, para um membro significado dela, como Antero[25], constitui um outro análogo, que comparte uma sorte semelhante à de Portugal e que pode converter-se num parceiro singular numa luta comum para superar os atrasos e entraves padecidos e encontrar e construir a senda do progresso.

Segundo Lourenço, a imagem crítica que oferecem Eça e a Geração de 70 joga um papel positivo, pois deixa aos seus sucessores valiosas indicações, mormente por via negativa, assinalando os males, sobre a tarefa que é necessário empreender: a modernização de Portugal. Nesse sentido, cumpre dotar o país de uma nova imagem: estimulante, orientadora, regeneradora. Nesta empresa, Lourenço salienta os contributos de Pascoaes e Pessoa. Ambos os dois, segundo o nosso autor, mergulham nas raízes e linhas identitárias tradicionais, a nação e o império, mas a sua singularidade estriba em fazê-lo com uma perspetiva endógena e, à par, universalista. Isto quer dizer que, para Pascoaes e Pessoa, Portugal deve procurar a sua essência e sentido em si mesmo, tomando-se a si próprio como a principal e axial das referências, mas dentro de uma perspetiva e com um horizonte neta e nitidamente universalistas.

Assim, Pascoaes esculca o próprio em termos metafísicos, comparáveis com filosofemas da metafísica ocidental[26]. Em nosso ver, com a sua filosofia e o movimento impulsado em torno à saudade teria franqueado a possibilidade de um entroncamento entre a cultura letrada e a cultura popular. Possibilitando, desta maneira, que a nação se encarnasse no povo. Reparemos como as teorizações e poetizações, alambicadas, de Pascoaes em torno à saudade estão, ao mesmo tempo, próximas de experiências gerais do povo, da gente comum lesada pelo flagelo da emigração e as turbulências nas relações pessoais. Além disso, a saudade, em si e, correlativamente, na sua tradução política, longe de ficar atrapada no passado, alumbra um projeto de futuro[27]. A renovação social-cultural propugnada por Pascoaes e propiciada pela Renascença Portuguesa[28], assim como por outros movimentos similares das décadas iniciais do século XX, ficará travada estancada, por longos anos, pela instauração do Estado Novo.

De igual maneira, Pessoa significa uma volta a si: pensar em si, a partir de si. Aprofundar na singularidade, com uma perspetiva e um horizonte universalistas. Ao mesmo tempo, supera toda a visão ancilar a respeito de toda cultura outra, nomeadamente europeia[29]. Procura e opera uma mutação da personalidade

[25] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 101.

[26] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 112.

[27] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 109-110.

[28] A. Ribeiro dos Santos, *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto 1990.

[29] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 114-115.

portuguesa, lançada em direção ao futuro e inserida na impersonalidade universal[30]. Simplificando, vale dizer que Pessoa revisita a história de Portugal, relançando a nação e resgatando o império, mas desprovido de imperialismo. Exerce, a justo título, e como ele diria, de Super-Camões. Em nosso ver, muito próximo da sua ideação achar-se-ia o atual conceito e projeto da Lusofonia, tal como caberia entendê-la a partir do pensamento filosófico político desenvolvido por Agostinho da Silva[31].

É importante sublinhar, ao falarmos de Pascoaes e Pessoa, na esteira da reflexão de Lourenço, o retorno a si para pensar o próprio e projetá-lo na universalidade, sendo o próprio, também, padrão universalista. Além da atitude singular de Pascoes e Pessoa, Lourenço assinala a desaparição, com o progredir do século XX, da cultura europeia como outro modelo e ideal regulador. Nas suas palavras, escritas em finais da década de 60, a outrora chamada cultura é agora caos cultural[32].

Nesta breve panorâmica das imagens de Portugal, despontam algumas notas que as aproximam do medo de existir, sobre o que reflexionará José Gil, e da autoflagelação, denunciada por Boaventura de Sousa Santos. Além do estrito medo de existir, consubstancial com a oscilação hiperbólica paralisante, Lourenço[33] ressalta a incapacidade portuguesa para registar os traumatismos nacionais, … temática que leva à «não inscrição» extensa e fundamente pensada por Gil[34]. Por outro lado, esse mesmo movimento oscilatório aquietante tem algo, não pouco, de autoflagelação e de incapacidade da intelectualidade, e até os dirigentes, para transmitir essas imagens ao povo e agitar a consciência e a vontade da gente portuguesa[35], … o que não fica longe do «excesso de diagnose», sobre o qual reflexiona Sousa Santos[36].

4. Uma imagem popular de Portugal

Eduardo Lourenço, que publica estes ensaios entre 1968 e 1978, salienta essas quatro imagens históricas, que simplificamos com os nomes de Camões, Eça, Pascoaes e Pessoa. Mas, também, de contínuo, aponta para a atualidade. E algumas dessas indicações caberia agrupá-las sob o nome de uma imagem popular de Portugal. Que seria como o contraponto, e o complemento e até a prolongação, dessas quatro imagens procedentes, e caraterísticas, da cultura letrada.

[30] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 115-116.

[31] Uma palavra sobre a «filosofia portuguesa» e Agostinho da Silva: Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 37-40.

[32] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 199.

[33] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 45.

[34] Gil, *Portugal, Hoje*, op. cit., pp. 15-23.

[35] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 79.

[36] Sousa Santos, *Portugal*, op. cit., pp. 36-42.

Variando um pouco os termos de Lourenço[37], esta imagem popular, i.e., sustentada por amplas capas da população, constaria dos seguintes traços: a deserção do trabalho, a entrega à fatalidade, o cuidado do aparato, o hábito da ostentação. Estes traços possuem um fundo de verdade: fazem parte de como, ante um visitante forâneo, se apresenta a gente portuguesa. Porém, esse mesmo visitante, com uma observação algo mais atenta e contínua, descobre neles aparências ou, mais exatamente, signos que é necessário interpretar.

Quanto ao trabalho, em nossa opinião, para o povo[38], antes do que um mal que convém evitar, é um bem escasso, e necessário, que custa conseguir. Esta escassez levou, e leva, muitos portugueses à emigração[39] ou, alternativamente, a praticar a economia informal[40]. Além disso, mas também por isso mesmo, este bem escasso, o trabalho, está muito repartido em Portugal. Em dois sentidos: o sobre-emprego, muitas pessoas fazem o mesmo trabalho e o multi-emprego, uma pessoa faz vários trabalhos. O efeito combinado destes dois fatores, sobre-emprego e multi-emprego, é a aparência (e mais do que aparência) de inatividade, inoperância e ineficácia. O usuário, que non percebe estes fatores, constata que há muita gente para um trabalho e, portanto, ninguém trabalha e, por outra parte, que cada trabalhador se ocupa pouco com o seu trabalho e, portanto, outra vez, ninguém trabalha. E isto é, ainda em conclusão, porque ninguém quer trabalhar. Paralelamente, esta conclusão, essa falsa conclusão, parece confirmada pela valorização negativa do trabalho feita pelo trabalhador, por pessoas que o rejeitam, mas não por tratar-se de trabalho, senão pelo facto de ser precário, uma exploração: carga excessiva e mal pago. Ainda, complementarmente, o alarde de ócio e consumo, que fazem os emigrantes em férias, parece confirmar esta deserção portuguesa do trabalho. Confirmação mais firme, e conclusão mais falsa, se o visitante, o observador, não percebe que esses populares entregues ao ócio e o consumo são emigrantes. Enfim, tudo isto leva-nos a pensar que as circunstâncias, pelo menos nos últimos trinta anos, antes desmentem, que rubricam, o desafeto do povo português pelo trabalho.

O segundo traço, a confiança na sorte e a resignação perante a fatalidade, que assinala Lourenço, é, em nossa opinião, pouco observável. Ou porque foi desaparecendo com o decorrer do século XX ou porque, persistindo, é algo muito recôndito. Pela nossa parte, é constatado na atitude prévia e posterior a respeito de acontecimentos desportivos. A um otimismo infundado segue uma resignação consabida. Ora bem, fora das competições desportivas, não é frequente achar este

[37] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 139-148.

[38] Em nosso ver, na atualidade não se dá, ou pelo menos não é percetível, uma transferência da mentalidade anti-trabalho, peculiar da classe aposentada, expressa na frase «o trabalho para o preto» (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 140).

[39] Vigorosamente denunciada, em si e nas suas mistificações, por Lourenço (Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., pp. 127-137).

[40] Cf. Sousa Santos, *Portugal*, op. cit., pp. 69-88.

otimismo infundado. Pode haver, em termos gerais, uma atitude esperançosa em demasia, que, por exemplo, na viragem do século XX ao XXI, pode ter sido aproveitada para incentivar na gente comum um consumo no limite das possibilidades.

O terceiro traço, o que denominamos o cuidado do aparato e que Lourenço[41] concretiza, brilhantemente, naquilo que chama a «mobilidade psíquica», em nosso ver, permanece[42]. E constitui, para quem visita Portugal reiteradamente ao longo dos anos, algo desconcertante: os portugueses, os seus próprios amigos, são, de cada vez, diferentes. Esta qualidade é muito percetível na língua portuguesa e no uso que os seus falantes fazem dela. Para o forâneo, é uma língua muito difícil de aprender. Inclusivamente, para um galego, que comparte muito linguisticamente com o português. Em cada visita a Portugal, às vezes só com alguns meses de intervalo, comprova que a língua portuguesa mudou: a televisão, os meios, os seus próprios conhecidos e até os amigos falam diferente: usam palavras estranhas, giros novos, expressões desconhecidas. O domínio adquirido cai por terra: de novo, é necessário recomeçar a aprender. É como se todos, do estado aos particulares, se tivessem posto de acordo em falar assim… de uma maneira que, na próxima visita, será diferente. Um outro componente fundamental disto que chamamos o cuidado do aparato é a cortesia, a educação e correção no trato, que é uma caraterística salientável da sociedade portuguesa, cultivada individual e coletivamente como uma conquista de civilidade.

O quarto traço, o hábito da ostentação vem sendo, em nosso ver, o equivalente popular das hipérboles cultas. Pela nossa parte, referimos esse hábito, próprio dos particulares, a um orgulho de coletividade. Ou seja, na nossa opinião, as pessoas, em Portugal, não ostentam para dar-se valor a elas próprias, mas para presumir de País. Pela minha parte, concretizaria esse hábito de ostentar na peculiaridade de que, em Portugal, qualquer coisa, o objeto mais banal, pode atingir a categoria de ser, dentro da sua espécie, o melhor do mundo. Isto vale para pessoas, instituições, vegetais, animais, … qualquer sujeito ou objeto português pode receber, por parte de um natural do país que o mostra a um forâneo, a qualificação de melhor do mundo. Ora bem, isto, em meu ver, pode dar lugar a uma perceção errada pelos forâneos: crer que o povo português é presumido e, pior do que isso, que vive numa conceção hiperbólica de si próprio. Não é assim. Em nossa opinião, quando um português (nos) diz que algo é o melhor do mundo, não está a crer, e não pretende que acreditemos, que isso é o melhor do mundo: está a dizer que está convicto de que isso é algo bom e quer partilhar com o outro, connosco, esse desfrute. Pretende pôr em relevo um valor e fazer partícipes, disso próprio, os outros. E, fazendo isso, cumpre com um seu dever como português e orgulha-se de ser português.

[41] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 144.

[42] Registada e salientada no medo de existir, no «pequeno infinito» (Gil, *Portugal, Hoje*, op. cit., pp. 48-51).

5. Excurso galego

Estas duas imagens, a letrada e popular, caberia compará-las com outras similares ou díspares daquela entidade/identidade, a Galiza/a galega, em que me posicionei para ler Lourenço e falar de Portugal? Acho que só faz sentido comparar nuns termos muito restritos.

Em primeiro lugar, as imagens cultas da Galiza são muito recentes e estão restringidas a minorias sem quase capacidade de penetração e extensão na população. Há alguma exceção, proveniente da literatura. Rosalía, nomeadamente, representa o paradigma: a imagem da Galiza na literatura dela e as imagens dela e da sua obra transferidas para a (cultura da) Galiza. Mas, estas imagens entroncam com o próprio imaginário popular e não são apenas uma elaboração e o resultado de uma propagação ideológica[43]. Até tempos recentes, a Galiza foi uma entidade desestruturada em termos sociais e, mais ainda, em termos políticos[44]. Só marginalmente, e nos últimos séculos, produziu a sua própria ideologia.

Em segundo lugar, estas circunstâncias, esta desestruturação, também incidem decisivamente nas imagens populares, que são mormente sociais e escassamente políticas. O centro delas é o trabalho: a entrega e dedicação ao trabalho, como meio de vida e, além disso, como modo de vida. Neste ponto, falha a hipótese de ética protestante como fermento da valorização do trabalho e a acumulação capitalista[45]. A população galega, na Galiza e na emigração, consagra-se ao trabalho, vive para o trabalho e realiza-se no trabalho. Daí, em consequência, muito pouca confiança na fortuna, exceto a material, e pouca resignação perante a fatalidade. Nestes dois traços, pois, por vias e em formas diferentes, não deixa de haver similitude com a gente portuguesa. No entanto, coincidem mais nos outros dois traços. Os galegos também cuidam da aparência e praticam o hábito da ostentação. De uma maneira algo diferente. Assim, se os portugueses se disfarçam por meio da mobilidade psíquica, os galegos procuram, sobretudo, passar despercebidos: buscam a aparência da insignificância. E quanto à ostentação presumem, sobretudo, da terra, a comida e o trato humano, usando qualificativos quase tão hiperbólicos como os congéneres portugueses.

[43] Que, contudo, é importante: C. Baliñas, *Rosalía de Castro, entre a poesía e a política*, Edicións do Patronato, Vigo 1987.

[44] Galiza atinge o estatuto de autonomia em 1936, mas a autonomia só se torna efetiva a partir da constituição espanhola de 1978 e com o novo estatuto, aprovado em 1981. Cf. L. G. Soto, «A Galiza e o Galeguismo: autoconsciência e autodeterminaçom», *Nova Renascença 72/73* (1999/2001) 59-82.

[45] Lourenço (*O labirinto da saudade*, op. cit., p. 141) acolhe a tese de Weber.

6. Duas figuras: a criança-rei e o príncipe exilado

Gostava ainda de comentar umas figuras que falam da perspicácia de Lourenço e do interesse, hoje e doravante, do seu *Labirinto da Saudade*. Por suposto, cabe associar estas figuras às imagens de Portugal, mas, como o dito acerca destas, vão além da realidade portuguesa de antes e de agora.

Há uma figura que, para mim, é uma mostra de agudeza e longa visão analítica e hermenêutica: a criança-rei. Lourenço[46] assinala a sua aparição no Portugal de 70, no passado século XX. E vaticina uma influência nefasta no porvir na forma da identidade individual e na formação da identidade coletiva portuguesas. Nem é necessário dizê-lo, hoje a criança-rei impera por toda a parte, não apenas em Portugal, até o ponto que uma meditação como a de Lourenço é, hoje, não apenas politicamente incorreta, mas socialmente impraticável.

A criança-rei é a filha/o que representa o eixo e o centro da vida parental. Tudo é feito para satisfazer a criança, cujos desejos, como todo o seu modo de ser, se tornam normativos: indicam o que deve fazer-se e até como deve ser feito. O resultado: uma criança e depois um adulto egoísta. Atenção, não ouçamos neste qualificativo apenas o seu significado moral tradicional, pois implica também um atranco cognitivo. O egoísmo abrange, no indivíduo-monarca, tanto as suas perceções quanto as suas atuações: o conhecimento e a consciência, e a vontade e o comportamento. O ego-rei não vê nem o real (as cousas) nem o outro (as pessoas). Vive na fantasia: imagina o real (o mundo) e imagina-se perante o outro (o par, a gente). Não estabelece relações, não interatua, não tem comunicação nem faz comunidade… exceto com um mundo-objeto e um outro-objeto, à medida do seu ego. Ora, estes, o mundo-objeto e o outro-objeto, devolvem em espelho a imagem que ao rei (criança, adulto) lhe corresponde: um ego-objeto. Em consequência, o ego-rei é calculável e manipulável. Acaba por devir um átomo de uma sociedade sem laços, composta de sonâmbulos (pela sua pouca consciência) a executar um baile orquestrado (dada a sua pouca vontade), mormente por elites económicas e políticas internacionais. Assim é, mais ou menos como em Portugal por toda a parte, o cidadão global.

Uma outra figura que Lourenço[47] aplica à vida intelectual portuguesa, mas que acho perfeitamente generalizável alhures é o príncipe exilado. Verdadeiramente, ilustra o funcionamento da indústria e o mercado culturais. Que, de modo contínuo e periódico, propõem figuras (pensadores, literatos, artistas) geniais chamadas a ocupar um lugar de privilégio no seu campo. Infelizmente, a imensa maioria destes príncipes e princesas terá de exilar-se (i.e., desaparecer) sem chegar a reinar. Eis a lógica do mercado, segundo a qual tudo quanto aparece é genial e votado à perdurabilidade, e a conveniência dos mandarinatos culturais, potenciadores de produtos vácuos que

[46] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 145s.
[47] Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, op. cit., p. 193s.

não estropiem, e antes bem reforcem, a sua dominância. Para Lourenço, o príncipe autoinstitui-se, autoproclama-se. Pela nossa parte, introduzimos essa variação: as/os futuras/os exilados são investidos e aclamados pela indústria e o mercado, sob a batuta ou com o aplauso dos mandarins, culturais.

A modo de conclusão: imagens, espelhos, miragens

Com estes dois últimos excursos, quisemos apontar como Lourenço, nos seus ensaios, ainda sem deixar de pôr o foco sobre a realidade portuguesa, excede de contínuo as circunstâncias de tempo e lugar. Este sentido da generalidade, a sua vocação de não intranscendência, assim como a relativa exterioridade e a assumida implicação do seu olhar sobre Portugal, torna próximo, e muito interessante, *O Labirinto da Saudade* para aqueles que, como eu, o lemos desde fora, ainda que não longe, e muito, muito, depois, 30 ou 40 anos depois. Interessante, não apenas para sabermos de Portugal, mas para aprendermos de nós mesmos, vendo imagens, espelhos, miragens.

Referências bibliográficas

Baliñas, C., *Rosalía de Castro, entre a poesía e a política*, Edicións do Patronato, Vigo 1987.

Barthes, R., «Michelet», in *Œuvres complètes*, édition d'Éric Marty, Seuil, Paris 2002, vol. I, pp. 291-449.

Gil, J., *Portugal, Hoje. O Medo de Existir*, Relógio d'Água, Lisboa 2005, 2ª edição.

Lourenço, E., *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Publicações Dom Quixote, Lisboa 1982, 2ª edição.

Ribeiro dos Santos, A., *A Renascença Portuguesa. Um movimento cultural portuense*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto 1990.

Soto, L. G., «A Galiza e o Galeguismo: autoconsciência e autodeterminaçom», *Nova Renascença 72/73* (1999/2001) 59-82.

— *O labirinto da saudade*, Laiovento, Santiago de Compostela 2012.

— «Democracia, y filosofía, como apoderamiento. Portugal, por ejemplo», in Antonio Campillo y Delia Manzanero (coords.), *Actas II Congreso internacional de la Red española de Filosofía*, Universidad de Zaragoza, 2017, vol. V, pp. 9-22.

Sousa Santos, B., *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*, Almedina, Coimbra 2012, 2ª edição.